

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO COMO PROCESSO ARTICULADO¹

Aberlandia Gonçalves ALMEIDA²

Resumo

A alfabetização é o processo de apropriação da língua materna. É a compreensão do código escrito e a aprendizagem da linguagem cultural para se comunicar com o mundo. Atualmente, um novo termo, letramento, entra no processo de ensino da língua, indo além e mostrando que não basta saber as letras, escrever e decifrar o que está apresentado no contexto escrito. É mais que isso, é necessário saber fazer uso social desta linguagem para interagir ativamente com o mundo letrado em seus diversos aspectos linguísticos. Com base neste contexto, o presente artigo define alfabetização e letramento, e apresenta como acontece a aprendizagem da língua no processo inicial.

Palavras - chave: alfabetização; letramento; linguagem; contexto social letrado.

¹Trabalho apresentado como TCC para o Curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional a Escola Superior Aberta do Brasil, – ESAB em 2016. O trabalho sofreu algumas alterações para se adequar a normas deste edital.

² Graduada e Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas(2004), Pós- graduada em Gestão e Organização da Escola pela Universidade Norte do Paraná.(2007); Pós-graduada em Formação de Professores em Mídias na Educação pela Universidade Federal de Alagoas(2010); Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Escola Superior Aberta do Brasil(2016);concursada nas redes Estadual e Municipal de Maceió – AL desde 2001atuando na Coordenação Pedagógica no Ensino médio modalidade EJA na Rede Estadual na Escola Estadual na Padre Cabral e Coordenação Pedagógica em turmas de 1º ao 5º ano na Rede Municipal de Alagoas na Escola Municipal Hermínio Cardoso. Professora formadora bolsista PNAIC Pela UFAL/MEC.aberlandia@gmail.com.

Introdução

Atualmente, o processo de aquisição da língua materna, denominado alfabetização, vem passando por mudanças. Ensinar a ler e escrever não são suficientes, é necessário ensinar a criança a fazer uso dessa aprendizagem para interagir com a sociedade em seus diversos gêneros escritos, para compreender o outro e ser compreendido, num mundo letrado, mergulhado em tecnologias com diversos portadores de textos. Nesse contexto, surge um novo termo, letramento, que propõe uma reflexão sobre a escrita apresentando uma aprendizagem conectada com a realidade social da linguagem.

Assim sendo, a alfabetização ganha novo sentido, pois agora não apenas se aprende a ler e escrever, ampliam-se as possibilidades e as crianças também aprendem, nesse processo, a fazerem uso da leitura através dos diversos tipos de textos que circulam na sociedade.

Esse novo processo apresenta-se como um trabalho articulado entre alfabetização e letramento, entendendo, dessa forma, que mesmo sendo processos distintos, não tem como escolher entre um ou outro, mas juntar os dois fazendo uma articulação cujo ensino ganha maior sentido e tem mais aplicabilidade na vida do aprendiz.

Saveti (2007, p 127) defende que estamos pensando em uma abordagem que concebe as práticas de leitura, na escola, como instrumentos político-pedagógicos através dos quais professores e alunos afirmem o direito e a responsabilidade, não apenas de lerem, mas de compreenderem e transformarem suas experiências pessoais e de reconstruírem uma ação transformadora com a sociedade de forma mais ampla.

Diante desse contexto, tem-se como objetivo geral compreender o processo articulado entre alfabetização e letramento. Para que esse objetivo fosse alcançado a metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória, com coletas de informações em livros com temáticas referentes ao assunto, reunindo vários autores, além de leitura e fichamento de artigos, em periódicos e livros que já vêm abordando o tema.

O que é alfabetização?

A alfabetização é um estado de apropriação do qual é possível ao indivíduo entender e se fazer entender através dos códigos escritos. É uma aprendizagem necessária para interagir no mundo letrado. A pessoa alfabetizada tem condições melhores e oportunidades que diferem do analfabeto que fica à margem do conhecimento necessário para interagir no mundo que se move e cresce através de símbolos. A apropriação da língua materna proporciona a criança

compreensão do modo de representação da linguagem que corresponde ao sistema alfabético de escrita (FERREIRO 2001).

A criança está alfabetizada quando consegue grafar, do próprio punho, os símbolos que correspondem às marcas gráficas pertencentes à língua materna e possui a compreensão e discernimento para conhecer que as letras que estão sendo grafadas correspondem à unidade mínima, que unidas formam sílabas e palavras que fazem parte de uma linguagem necessária para se comunicar com o mundo. Assim como afirma Colello (2004), “a linguagem significa (ou deveria significar) conhecer os seus elementos básicos, o seu funcionamento e as suas dimensões, possibilitando o livre trânsito entre diversos modos de atualização, bem como o estreitamento de laços entre a expressão e a ideia”. O estudo da língua faz parte de um processo que se refere a um mecanismo de saber ler e escrever para se comunicar com o mundo.

A aquisição da língua materna envolve o cognitivo da criança e acontece por meio de um trabalho planejado com objetivos bem definidos. Para Russo (2012), a aprendizagem é um processo de apropriação do conhecimento que só é possível com o pensar e o agir, sobre o objeto que se quer conhecer. O trabalho didático do professor, quanto ao processo de mostrar a criança símbolos, perpassa por seleção de palavras e textos que se encontram dentro do universo infantil. Os progressos que podem ser notados fazem parte do trabalho pedagógico de sondagem sobre o que a criança vai expressando.

A forma como a criança se apropria do conhecimento sobre a linguagem escrita e falada foi influenciada pelos estudos de Ferreiro (1999), nos quais afirmam que a alfabetização acontece por meio de estágios e que cada estágio tem particularidades próprias e expressa o que a criança está pensando, possibilitando ao professor fazer as intervenções significativas para que haja avanço de um estágio para o outro, e finalmente, que a criança esteja alfabetizada. Esse estudo revolucionou a forma como se ensinava a ler e escrever, tirou o foco do como se ensina e passou-se a pensar como se aprende, o que a criança pensa quando está escrevendo os seus primeiros rabiscos para representação da escrita.

É preciso ficar claro, aqui que não se atribui a Emília Ferreiro nenhuma metodologia específica. Muitos mitos foram criados em torno de sua pessoa e de sua proposta de trabalho, por exemplo, o fato de não ensinar gramática, ou deixar o aluno fazer tudo o que quiser. Esses mitos, porém em consequência de sua teoria vem sendo desarticulados. (RUSSO, 2012)

O novo olhar para o processo como a criança aprende a língua, trouxe mudanças também para o entendimento e o pensar a escrita como um meio de comunicação importante e necessário

para expressão do pensamento. Para Higounet (2003, p. 09), a escrita é mais que um instrumento. Mesmo emudecendo a palavra, ela não apenas a guarda, realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidade. Entende-se que a escrita está na própria ação de pensar e expressar-se para o mundo e que nasce na formação do pensamento sobre a materialização deste em forma escrita. Higounet (2003) revela que os mais simples traços em pedra ou papel não são apenas um meio, eles também encerram e ressuscitam a todo o momento o pensamento humano.

Toda criança pensa sobre a escrita. Independentemente de sua condição social é um processo real e envolve o ensino da língua. Ferreiro (2012) diz que são os primeiros rabiscos que vão expressando a apropriação do alfabeto e o uso do mesmo para se comunicar com o mundo. Higounet (2003, p. 10) fala que a escrita é apenas um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também de acesso direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e tempo.

Quando uma criança inicia o processo de apropriação da língua já tem uma concepção própria sobre o mundo e já sabe se comunicar. Porto (2009, p. 14) fala que, por meio da linguagem, o homem se reconhece como humano, pois, ao comunicar-se com os outros e trocar experiências, certifica-se do seu conhecimento do mundo e dos outros com quem interage. O papel do professor vai além de ensinar o código escrito, perpassa também pelo processo de despertar da linguagem escrita que se apresenta como uma importante ferramenta universal e culta para o homem se comunicar e interagir socialmente com o mundo. A criança vai entendendo aos poucos como ela pode fazer uso da escrita para expressar o que pensa; a partir daí vai ampliando os saberes sobre a língua materna, até chegar ao estágio final perfeitamente capaz de transmitir, com eficiência, todo o seu desejo para o mundo, por intermédio da escrita. Segundo Porto (2009, p. 13), a linguagem como forma de interação entre pessoas, mais do que possibilita a transmissão de informações de um emissor a um receptor, e é vista como uma ferramenta de desenvolvimento humano.

Para interagir com o outro, a linguagem deve ter significados e expressar com clareza o que se tenta comunicar. Solé (1998, p. 54) diz que parece ser fundamental que o escrito transmita uma mensagem, uma informação, e que a leitura capacita para ter acesso a essa linguagem. Entende-se, a partir daí, que o acesso à leitura e apropriação da linguagem é uma condição importante para uma pessoa socialmente ativa na sociedade, e que sem ela, mesmo fazendo parte do meio, haverá sempre limitações quanto ao desempenho social do universo escrito.

Pensar no ensino da leitura na escola, portanto, significa pensar na distribuição social do escrito, isto é, considerar que os materiais escritos circulam na sociedade de modo desigual; considerar que da mesma maneira como acontece com a circulação social de determinados produtos, a que nem todos na sociedade têm acesso, apenas uma minoria, tem acesso aos produtos escritos mais valorizados socialmente. (PIETRI, 2009, p. 12)

O mundo globalizado atual apresenta novas formas de comunicação, novos símbolos, além de um universo linguístico cada vez mais sofisticado. Portanto, a cada momento é preciso pensar sobre essas mudanças, buscando entender esse processo letrado, oferecendo para a criança um ensino sistemático no prazo determinado de escolarização, permitindo o acesso à informação, fazendo uso de todos os códigos que servem para se comunicar com o mundo moderno. Ferreiro (2001, p.31) relata que na língua oral não se aprende um fonema, nem uma sílaba e nem uma palavra por vez. As palavras são aprendidas, são desaprendidas, são definidas e são redefinidas continuamente. Não há um processo cumulativo simples, unidade por unidade, mas organização, desestruturação e reestruturação contínua.

Assim sendo, não se trata de pensar uma alfabetização sem planejamento e sem orientação, mas repensar a prática de alfabetização a partir do que a criança compreende e permitir que haja espaço para a construção e desconstrução da escrita por meio do pensar sobre o código escrito. Morais (2010, p.19) diz que nada impede que os professores conversem com os alunos que estão iniciando o ensino fundamental sobre algumas das inovações, sempre os ajudando a ver que a escrita, de algumas palavras, pode mudar com o tempo. Nesse caso, valeria a pena, inclusive, trazer para a reflexão grafias ainda mais antigas, como “pharmacia”, “architettura”, anteriores a reforma ortográfica que tivemos em 1943.

A escola é o lugar que vai proporcionar uma abertura sistematizada e organizada para a estruturação da linguagem. Ferreiro (2001, p.65) revela que a instituição social criada para controlar o processo de aprendizagem é a escola, logo a aprendizagem deve realizar-se nela.

A linguagem é o meio de comunicar-se com o mundo, a escola está como um elo de organização da linguagem culta, ela deve apresentar estratégias e atividades para a construção de uma linguagem real. Higounet (2003, p.22) afirma que a escrita está evidentemente ligada aos fenômenos que regem a linguagem. Buscar formas de entender esses fenômenos é uma tarefa fundamental para que a alfabetização se concretize. Ferreiro (2001, p. 65) relata que, desde o nascimento, as crianças são construtoras de conhecimento, e no esforço de compreender

o mundo que as rodeiam, levantam problemas difíceis e abstratos e tratam por si próprias de descobrirem respostas para eles.

A alfabetização acontece metodicamente no ambiente escolar e é condição necessária para que a criança adquira os saberes para uma boa comunicação com o mundo que a cerca. Nessa linha de compreensão, a alfabetização é a condição adquirida por meio do estudo da língua materna, é o produto final de um trabalho voltado para pensar sobre a linguagem e saber fazer uso dela para entender o mundo e se comunicar com ele.

O que é letramento?

Letramento é um termo usado para designar o uso social da escrita em diversos espaços na sociedade. No Brasil, o uso da palavra letramento inicia-se na década de 1980. Mortatti (2004, p. 83) relata que os estudos e pesquisas sob a influência do inglês “literacy”, era traduzido por “alfabetização”, mais recentemente também por “alfabetismo”. A palavra letramento que se restringia ao âmbito acadêmico, hoje já tem registro em dois dicionários de linguística.

(...) O dicionário de linguagem e linguística de R. L. Trask foi publicada na Inglaterra em 1977 e a tradução brasileira, realizada pelo linguístico Rodolfo Ilari, foi publicada neste ano 2004. Neste dicionário, o termo de entrada de verbetes é acompanhado do original em inglês, entre parênteses, evitando-se assim possíveis equívocos de interpretação por parte do leitor Mortatti (2004, p. 46). Letramento é usado para diferenciar do termo de alfabetização, porém com o entendimento que atualmente a apropriação da língua materna não pode haver um distanciamento entre um e outro. Por ser um termo novo e com um significado de importância singular, parece ter sido utilizado pela primeira vez por Mary Kato, na apresentação de seu livro, no mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística, de 1986, cujo objetivo era salientar aspectos de ordem psicolinguísticas que estão envolvidos na aprendizagem da linguagem, no que se refere a aprendizagem escolar por parte de crianças. (MORTATTI, 2004, p.87).

O letramento se preocupa com os aspectos sociais e históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade (Tfouni, 1995). Representa, também, a causa da elaboração de formas mais sofisticadas do comportamento humano que são chamados: “memória ativa, resolução de problemas etc” (Tfouni, 1995, p. 21,). Neste sentido, o estado letrado vai além de uma simples aquisição do código escrito, pois a autora destaca as capacidades mentais que promovem uma busca por estratégias letradas que tenham utilidades importantes para que o indivíduo encontre soluções para os seus próprios problemas.

Pode-se definir hoje o termo letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos. Mortatti (2004, p. 90) analisa duas concepções dominantes de letramento, relacionando-as com a situação de ensino e com a aprendizagem da língua escrita, tanto por crianças, adolescentes ou adultos. O indivíduo considerado letrado é aquele que tem habilidades de lidar com informações importantes para o uso no seu cotidiano, embora o letramento não seja consequência natural da alfabetização, pode-se considerar que “[...] o indivíduo letrado e alfabetizado é mais poderoso que o letrado não alfabetizado (Mortatti, 2004, p. 107).” Entende-se que o letramento envolve elementos essenciais para a convivência em sociedade.

Articulação entre alfabetização e letramento

Os capítulos anteriores apresentam definições sobre alfabetização e letramento. Neste capítulo será apresentado como fazer uma articulação entre ambos, para tornar a aprendizagem da leitura e da escrita elemento essencial para o exercício da cidadania. Picoli (2012, p.102) afirma que “alfabetizar está relacionada a desenvolver habilidades de raciocínio sobre a língua para comunicar-se pela leitura e escrita, utilizando os gêneros textuais que circulam em cada contexto cultural”. Percebe-se que é preciso levar em consideração o que a criança pensa sobre a escrita e que é fundamental apresentar os gêneros textuais, deixando visualizar, manusear e conhecer as especificidades de cada um.

O letramento se articula com a alfabetização no sentido de focalizar os aspectos sociais e históricos da aquisição da escrita. A alfabetização ganha sentido para o exercício da linguagem se for realizada em conjunto com o letramento. A autora Tfouni (1995, p. 20) faz uma ligeira definição quanto à alfabetização e letramento ao afirmar que, enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sociais e históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade.

O trabalho pedagógico precisa ser planejado para a realidade social em que a criança vive, apresentando significação na aprendizagem e desenvolvimento da linguagem. Silva (2009, p.37) destaca que o principal objetivo da organização do planejamento é o de possibilitar que o professor desenvolva um trabalho sistemático dos conteúdos e habilidades que envolvem o processo de alfabetização e letramento.

Percebe-se que enquanto a criança vai sendo alfabetizada, ela também apropria-se de competências e habilidades ao ter acesso aos diversos tipos de textos e gêneros textuais em

conjunto com a aquisição das letras e demais símbolos de representação da escrita, resultando numa completa aprendizagem, necessária para exercer com autonomia sua cidadania. Maia (2007, p. 32) afirma que o termo letramento atende de forma mais adequada ao que a sociedade está a exigir atualmente do aluno ao final de sua própria escolarização, o que corresponde à apropriação e ao desenvolvimento de práticas de leitura e escrita.

Assim sendo, a articulação entre alfabetização e letramento acontece através de um ensino que supera a prática de ensinar apenas a ler, passando a formar leitores que saibam interpretar o mundo, utilizando uma linguagem necessária para cada tipo de situação do cotidiano social da cultura letrada.

Considerações finais

O estudo teve o objetivo de pesquisar sobre a articulação entre alfabetização e letramento, chegando à compreensão que, mesmo cada uma tendo suas particularidades e sendo palavras distintas, o ensino da leitura ganha um significado maior e com melhores resultados quando se alfabetiza letrando. Isso é possível por meio de um planejamento bem elaborado, através de reflexões sobre a prática do cotidiano. Dessa forma, chega-se a uma ruptura com os velhos modelos de ensino, na qual a alfabetização se concentrava apenas na apropriação do código escrito e passa-se a pensar em como a criança aprende e como essa alfabetização ganha mais sentido aproximando o código escrito associando-o aos vários formatos de escritas e gêneros textuais que circulam na sociedade atual.

A pesquisa teve como propósito compreender e tornar o ensino da língua mais útil e funcional, fazendo um trabalho articulado entre alfabetização e letramento. Chegou-se a conclusão que o letramento deve ser pensado como processo necessário que contribui para o ensino da língua como promoção para a cidadania, apontando para a utilidade que a linguagem representa no cotidiano social do homem contemporâneo. Dessa forma, alfabetizar letrando é uma estratégia mais adequada para o modelo atual de sociedade.

Referências

- BANGO, Marcos. [et al.] (Org.). **PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO ENSINO: LEITURA, ESCRITA E DISCURSO**. São Paulo; parábola editorial, Ponta grossa, PR: UEPG, 2007.
- CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL, Francisca Isabel Pereira; MARTINS, Raquel Márcia Fontes de (Org.). **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA SALA DE AULA**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora: CEALE, 2009. - (coleção Alfabetização e Letramento na sala de aula).
- DE PIETRI, EMERSON. **Práticas leitura e elementos para a atuação docente**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009. 96 p.
- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**; tradução de Maria Zilda da Cunha Lopes; 9 Ed. - São Paulo: Cortez, 2001. Biblioteca da educação. Série 8 . (Atualidades em Educação v.2).
- _____. **Reflexões sobre Alfabetização**: Tradução: Horácio Gonzales (et. al), 24. Ed. Atualizada? São Paulo: Cortez, 2001. (coleção questões da nossa Época; v.14.).
- GOMES, Maria de Fátima Cardoso. **Dificuldades de Aprendizagem na Alfabetização**. Organizado por Maria de Fátima Cardoso Gomes. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**; [tradução da 10ª ed. Corrigida Marcos Marciolo]- São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- MARIA, JOSEANE. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007. - (Coleção Literatura & Ensino). ROCHA, Gladys Agmar Sá. **Apropriação das Habilidades Textuais pela Criança: Fragmento de um percurso**. Campinas, SP: Papyrus, 1999. (Coleção Papyrus Educação).
- MORAES, Fabiano. **O uso de textos na alfabetização; formação inicial e continuada**. Petrópolis, RJ: vozes, 2014.
- MORAIS, Artu Gomes de. **Ortografia: ensinar e aprender**. São Paulo: Ática, 2010.
- MORTATTI, Maria do rosário longo. **Educação e letramento** (coleção paradidáticos; série educação) São Paulo: UNESP, 2004, 136 p.

PICCOLI, Luciana. **Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade.** Luciana Piccoli, Patrícia Camini: ilustrações de Eloar Guazzelli. - Erechin: Edelbra, 2012. P.160: il; 21 x 28 cm.

PORTO, Márcia. **Mundo das ideias: um diálogo entre os gêneros textuais.** Ilustrações Felipe Grosso, Renato Teixeira. Curitiba: Aymar, 2009.

RUSSO, Maria de Fátima. **Alfabetização: um processo em construção.** 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

SOLÈ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Trad. Cláudia Schilling - 6. ed - Porto Alegre: Artmed, 1998.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização.** São Paulo: Cortez, 1995. – (coleção questões da nossa época).